

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Carlos Ryan Silva de Araujo

RESUMO

Atualmente, no contexto educacional e social o preconceito linguístico vem alastrando-se de forma não explícita, mas de uma forma sem transparecer para muitos cidadãos no meio social. Nas áreas de Linguística, vários profissionais dos anos finais do ensino fundamental têm mostrado preconceitos como os discentes se expressam na vivência educacional e até mesmo nas conversas formais no momento exato no processo de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa tem enfoque quantitativo e qualitativo que mostrará o valor dos dialetos e da fala na sua importância na construção de cidadãos no processo de seres críticos.

Palavras-chave: Preconceito; Discente; Docente; Linguística; Aprendizagem.

ABSTRACT

Nowadays, in the educational and social context, the linguistic prejudice has been spreading not explicitly, but in a way without transparency for many citizens in the social environment. In the areas of Linguistics, many professionals from the final years of elementary school have shown prejudice towards the way students express themselves in their educational experience and even in formal conversations on the exact moment of the teaching and learning process. This research has a quantitative and qualitative approach that will show the value of dialects and speech in their importance of building citizens in the process of critical beings.

Key-words: Prejudice, Student; Teacher; Linguistics; Learning

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

Especialista pela Universidade Candido Mendes em Educação Especial com Ênfase em Atendimento Especializado.

Pós-graduando em Psicopedagogia clínica e institucional pela universidade Candido Mendes

Licenciado em Letras- Língua Portuguesa pela UNINTER- Polo Patos-PB

Professor de rede pública do Atendimento Educacional Especializado do Município de São José do Bonfim-PB e Professor de rede particular de Língua portuguesa.

Professor de língua portuguesa do município de Patos-PB

Professor visitante dos cursos de pedagogia e pós-graduação da Universidade São Judas Tadeu no polo de Condado-PB.

Endereço eletrônico: carlosryansilva22@gmail.com

INTRODUÇÃO

No nosso mundo contemporâneo, ou em uma sociedade letrada, literalmente falando, o preconceito linguístico está presente em cada momento, pois a linguagem está explícita em todos os sujeitos de uma forma verbal ou não verbal, tanto no ambiente educacional, como na língua materna que cada discente traz para a sala de aula, caracterizando sua vivência social. O poder linguístico é o instrumento que nós, seres humanos, nos expressamos a cada instante. Nos diferentes problemas enfrentados, ou situações vividas, precisamos da língua para solucionar, os mesmos, seja jurídica, profissional ou até mesmo em um discurso entre amigos. Esse meio de dialetos envolve diferentes tipos de variedades linguísticas, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo modo em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.

Na prática docente onde pude vivenciar as experiências na docência e nas três modalidades do estágio supervisionado pude perceber uma grande desfaçanha com respeito como os discentes interagem uns com os outros na comunicação verbal, ou seja na fala, muitos não tinham atenção como havia tipos de falas, mas na grande maioria discriminam o modo de cada qual se pronunciava tendo uma correção na grande maioria dos momentos ocorrendo até rixas com o modo de falar gerando um preconceito linguístico no meio educacional onde os mesmos estão inseridos.

Na região nordeste, nós como cidadãos letrados e sujeitos sociais, somos discriminados, ou seja, rotulados de “analfabetos” devido ao nosso sotaque, mas em eventos, congressos muitos se destacam no meio, vem à pergunta, você é do Nordeste? Criando automaticamente um preconceito linguístico e cultural.

A questão não é falar certo ou errado e saber respeitar essas diferenças dialetais no nosso meio social, acabar com os mitos e preconceitos nas regiões. Falar bem é falar adequadamente, é produzir um efeito de compreensão dos participantes em meio ao discurso propriamente dito entre locutores e interlocutores. Os discentes da educação básica estão inseridos na cultura brasileira, especialmente na cultura nordestina. Precisamos nos conscientizar que um sujeito que nunca foi a um ambiente escolar e tem noção em diversas áreas, como a matemática, biologia, agronomia, fazendo desta a base para sua estabilidade social.

Está comprovado, segundo Marcos Bagno, que uma criança de 03 a 04 anos domina perfeitamente a sua língua materna, do mesmo modo e um estrangeiro Francês, alemão, entre outros, por isso devemos respeitar e admirar o seu domínio de linguagem. Já ao contrário de outros profissionais ou estudantes que consistem em criticar, ignorar a sua língua materna, não respeitando o conhecimento prévio do mesmo, mas retirando o prazer de desenvolver a linguagem e oralidade de forma convicta no ciclo de alfabetização e letramento.

O preconceito fica bastante presente em uma série de afirmações que já fazem parte da imagem negativa que vem se alastrando no decorrer dos séculos, só quem vai à escola domina a gramática e o dicionário, sabe falar bem e se expressar em público, este é o maior e mais sério dos mitos, pois não conhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil. A sociedade tenta impor suas implícitas culturas como se fosse de fato à única falada e alastrada numa sociedade homogênea quanto a do nosso país.

Acredita-se que a cultura aqui falada vem de raízes da terra e ela está nas variedades linguísticas. Certamente o mais importante é a comunicação compreendida no nosso meio, como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito com a fala e as características de certas regiões, como a fala e retratada em meios de comunicação e redes sociais, mas sabe-se que essas atitudes representam uma forma de crítica e excluir qualquer leitor seja ele um leitor que domina perfeitamente a leitura ou seja ele que está em desenvolvimento, tanto no ciclo de alfabetização de leitura e escrita no processo de aprendizagem, como qualquer indivíduo dentro o sistema de ensino Por isso os educadores têm que mudar está situação, abraçar e cultivar a língua mãe como nossas origens culturais, para mostrar que a fala nordestina não tem nada de "engraçado", mas um povo que se constitui a partir de uma cultura própria.

Nos ambientes educacionais precisa de conscientização no processo de ensino e aprendizagem, tanto por parte dos docentes como dos discentes com os demais que são de outras vivências, como os discentes da educação do campo, pois os mesmos são maltratados verbalmente por demais colegas de sala diante da sua forma de se expressar, assim acarretando problemas de dificuldades de aprendizagem que muitos profissionais buscam, porque o aluno não desenvolve, sendo este o grande motivo de desistência e reprovação dos demais inseridos no sistema educacional.

AS VARIEDADES NO MEIO EDUCACIONAL

A conexão entre o sociolinguístico e o ensino da língua portuguesa teve um grande avanço nos últimos tempos, mas ainda não é o suficiente para minimizar este tipo de preconceito, pois os livros didáticos trazem para a sala de aula está temática, mas vários profissionais não exploram este assunto detalha mente, por falta de conhecimento ou até mesmo por não ter o mínimo interesse pelo assunto e sabendo que a língua materna e a grande chave para a leitura formativa do educando, pois a fixação maior e utilização e a exploração da língua padrão como fonte de desenvolvimento.

A língua falada e a linguagem padrão estão em um termo de heterogeneidade de variantes de cada lugar do nosso imenso Brasil e no mundo. Está pesquisa será fundamentada em fonte bibliográfica e exploratória para que a mesma seja aprofundada nas variantes linguísticas para ser trabalhada na educação básica no termo de oralidade com temáticas de literatura infanto juvenil voltadas para conscientização de docentes e discentes como forma de valorização da língua materna de cada membro educacional, e que esta temática seja abordada de forma ampla e com desejo de transformação desta realidade que cerca os nossos ambientes educacionais.

Saber falar significa saber uma gramática, então através do contato com a fala automaticamente dominamos, verbos, artigos entre outros tanto dependendo do dialeto que temos de acordo com nossa classe social ou nossa estabilidade econômica.

Entretanto com essa afirmação acima não temos uma língua uniforme, todas as línguas variam, isto é não existe nem uma sociedade ou comunidade na qual falem da mesma forma, tendo uma variedade social e heterogênea.

A linguagem é indispensável na formação e na comunicação humana, sendo verbal ou não verbal, e através dela que nos comunicamos expressamos nossos sentimentos, ideias e convicções no meio educacional e social. Nesta mesma perspectiva no processo de ensino e aprendizagem os indivíduos se integra no meio de tais desigualdades sendo produto do meio que está inserido, sendo os mesmos produtores do seu próprio discurso, e conseqüentemente, mentores do seu de seus preconceitos linguísticos.

Nesta mesma ênfase, surge um trabalho voltado para o preconceito linguístico, cuja aplicabilidade em sala de aula, que contribuirá tanto na conscientização no entender, como no respeito com as múltiplas formas de oralidades, através de sequência didática do livro didático e projetos de intervenção em sala de aula.

De acordo com os PCNs afirma a língua falada no Brasil, os diferentes falares regionais. (2001) A Língua Portuguesa, no Brasil possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Pois com esta perspectiva de aprofundamento de idealização de trabalho voltado para esta temática, poderemos mudar essa situação de declínio dos discentes, voltado para a oralidade e leitura e principalmente a idealização de um senso crítico voltado para o valor dos dialetos e falares regionais inseridos na sociedade.

A VARIEDADE LINGÜÍSTICA EM RELAÇÃO A FALA

Quando se fala que a escola precisa levar em consideração a fala dos alunos, não quer dizer que a mesma irá mudar sua perspectiva para os alunos falarem certo ou no estilo que escrevem, mas tem que haver a conscientização das variações e as regionalidades.

Se a escola tem o objetivo de ensinar como a língua funciona, deve ter como objetivo contrário como a fala tem sua funcionalidade, a linguagem vive da fala de cada ser humano como seres pensantes para sua atuação e funcionalidade no meio social e educacional se expandindo nas regionalidades.

Em vários momentos tem se falado de variação linguística, a maior parte dos problemas de fala e escrita está ligado a esse fenômeno que está presente em todos os ambientes sociais e educacionais, sabendo que a gramática tradicional atribui valores do certo ou do errado de acordo com a forma oral e escrita, mas Sírio Possenti afirma "que a parte mais importante não é a escrita, mas sim a comunicação entre as pessoas na sociedade". As instituições de ensino como

representantes da sociedade costumam ajudar esses preconceitos mesmo sem ter consciência deste fato inusitado.

A linguagem humana tem a função de comunicação entre os participantes, mas essa é apenas uma de suas funções sendo para transmitir notícias, leitura e interação.

A língua nunca é falada da mesma forma que os demais usuários, pois ela está sempre sujeita a variação sendo no tempo, lugar ou grupo social, pois cada um de nós aprendemos a língua portuguesa em casa com a família, aos poucos essa língua foi se evoluindo com a relação do envolvimento com os amigos e demais pessoas pois nossa fala e a representação de cada variação em grupos religiosos, familiares dentre outros demais que a mesma está inserida.

Referente a variação nas escolas:

Os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao longo do tempo, assumindo peculiaridades características de grupos sociais diferentes e os indivíduos aprendem a língua ou dialeto da comunidade em que vivem. (GAGLIARI, pág: 70,2009).

Dentre essa perspectiva podemos ter noção que cada comunidade, região ou cidade, apresenta suas variações ou dialetos diferenciados de acordo com o tempo, espaço, e familiaridade de costumes e falares de comunicação entre todos de forma ampla e enriquecedora no meio social.

Falar e revelar suas culturas sociais que está inserido, pois cada qual cidadão apresenta uma variação linguística acarretada desde os primórdios da sua originalidade assim repassando para as gerações próximas não sendo um dialeto social, mas cultural que necessita ser preservado não discriminado por muitos no meio educacional e principalmente social.

Felizmente, essa realidade linguística marcada pela diversidade já é conhecida pelas instituições federais encarregadas de planejara educação do Brasil, assim ressalta os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A variação é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim quando se fala de " Língua Portuguesa"

está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] Mas ainda de uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social, convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (PCNS, P.29,2001).

O preconceito fica bastante presente em uma série de afirmações que são uma parte da imagem negativa que vem se alastrando no decorrer dos séculos, só quem vai à escola domina a gramática e o dicionário, sabe falar bem e se expressar em público, este é o maior e mais sério dos mitos, pois não conhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil. A sociedade tenta impor suas normas cultas como se fosse de fato à única falada e alastrada numa sociedade homogenia quanto a do nosso país.

Acredita-se que a cultura aqui falada vem de raízes da terra e ela está nas variedades linguísticas. Certamente o mais importante é a comunicação compreendida no nosso meio, como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito com a fala e as características de certas regiões, como a fala e retratada em meios de comunicação e redes sociais, mas sabe-se que essas atitudes representam uma forma de crítica e exclusão.

Por isso os educadores têm que mudar esta situação, abraçar e cultivar a língua mãe como nossas origens culturais, para mostrar que a fala nordestina não tem nada de “engraçado”, mas um povo que se constitui a partir de uma cultura própria

Para Marcos Bagno, discriminar e expressar em público ou por gestos, então no seu livro preconceito linguístico, como é, como se faz, o próprio deixa bem claro a forma de discriminação linguística, por parte dos cidadãos de grande poder aquisitivo com a fala. (2007, p.44):

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como à fala nordestina é retratado nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rustico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico,

atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquele deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.

Quando se fala em língua, envolve-se a linguística que estuda a fala explicita fatos naturais de articulação de formas de expressão oral do ser humano, como da estrutura das línguas em geral envolvendo assim a língua materna de cada sujeito na própria região. É preciso abandonar os determinados mitos atribuídos às sociedades que uma única coletividade falante e melhor” ou “pior” português falada, mas passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que todos contribuem diante de um tesouro que é as variedades linguísticas.

Para Marcos Bagno, toda variedade linguística para chegar aqui em pleno século XXI, teve-se uma evolução em sua própria construção. (2007.p 47):

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de entender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares.

Para ser mais claro, não existe erro no português, referente às variedades, existem as diferenças de falas e dialetos na nossa cultura, ou seja, nossa própria identidade como ser humano. Para as variedades estarem no meio social sendo “expressadas” livremente, já foi bastante criticada e zombada por nobres entre outros, ocorrendo assim uma evolução e transformação ocorrida por a linguística mesmo para habituação e transmutação nos variados lugares.

O nosso Brasil é a prova viva de misturas de raças, cores e principalmente de variedades linguísticas, todos os povos ou comunidades com sua cultura própria, mas entre tantas variedades, vamos salienta sobre este sortilégio que é a discriminação na forma de falar e dentre as outras regiões do nosso país, que enfrenta este problema que vai se alastrando sorratamente, ou seja, mais sutil de todos eles, atingindo um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua, exercer isso é retirar o direito da fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social.

METODOLOGIA

A mesma foi aprofundada em pesquisas em meios educacionais por professores da rede pública sendo um trabalho realizado para minimizar o preconceito linguístico, tendo como base a escola campo de estágio onde foi realizado o estágio dos anos finais em uma pequena cidade em São José do Bonfim-PB na rede municipal de ensino.

O artigo visa mostrar como deve trabalhar a língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental com ênfase nos dialetos regionais como base para uma construção de seres críticos e pensantes como devemos usar a linguagem de forma clara e precisa sem gerar preconceitos a os outros a nossa volta com a ferramenta mais utilizada que é a linguagem, fonte de comunicação dos seres vivos a nossa volta.

A pesquisa foi de caráter qualitativo e quantitativo na escola campo de estágio com professores e alunos, pois esta temática é bastante importante no meio educacional como fonte de estudo e solução de problemas na mesma.

Além desta fonte foi também bibliográfico com estudos relacionados à área e seu desenvolvimento com os teóricos de maior renome que retrata a temática, como meio de aprofundamento para melhor entendimento do assunto sendo pressupostos para iniciação e consolidação da pesquisa em campo.

A linguagem é um termo que deve ser trabalhado de forma ampla e objetiva não a rotulando como os quais domina ou os que a escreve de forma correta isso já está ultrapassado, pois cada ser falante domina todas as regras da linguagem só o que necessita e saber como domina-la na gramática.

Os meios que o artigo foi desenvolvido também foi através de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo para a investigação como estava sendo trabalhado o preconceito linguístico em sala para a interação dos discentes no meio social onde estão inseridos. De acordo com Samara Barros (2002), a Pesquisa Descritiva procura descrever a realidade dos objetos de estudo, a partir de dados primários. Neste caso o conhecimento da iniciação da pesquisa para do preconceito linguístico no ensino fundamental da escola campo de pesquisa e as etapas implícitas neste artigo ao longo da caminhada no processo de tratamento quanto a formação crítica social da linguagem.

Quanto ao levantamento de dados coletados e analisados foi através de entrevistas e questionários (junto os alunos) e para o de língua portuguesa será uma entrevista semi-estruturada e as observações participativa diretas nas aulas de língua portuguesa. Após a coleta de dados foi lançado uma pesquisa participativa, visto que está parte e de suma importância para o pesquisador ter um norte na sua pesquisa exploratória além da qualitativa e quantitativa mencionados a cima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garantir o conhecimento dos cidadãos e apresentar formas para solucionar problemas sociais, e orientar para que seja resolvido e ter conhecimento de tal erro, para que tal problemática não venha mais a se alastrar no nosso meio acadêmico e principalmente, na formação crítica e profissional.

Em relação ao preconceito linguístico é possível que seja de pleno conhecimento de todos, para que as variedades linguísticas sejam respeitadas e tratadas como devem ser abordadas como herança cultural e social de todos os seres humanos, participantes de uma sociedade falante e de diferentes dialetos exposto em um meio e educacional, profissional.

No entanto, é de suma importância que todos os sujeitos letrados tomem conhecimento deste assunto, para que estudantes, profissionais e pesquisadores possam perceber quanto e rica as diversidades no Brasil e principalmente na região nordeste, onde estão acoplados sujeitos sociais letrados e com cultura própria, para que possam dar o seu respectivo valor para que venha passa de geração para um futuro bem próximo de transformação.

Através desta pesquisa os discentes e docentes da atualidade necessitam de cada vez mais se aprofundar nas pesquisas bibliográficas como forma de formação continuada para se auto capacitar para elaborarem suas aulas lúdicas com objetivos concretos para soluções de problemas que envolva os dialetos é até mesmo minimizar o preconceito linguísticas nas escolas, não e fácil a tarefa ,mas com determinação essas grandes barreiras atitudinais, que são das nossas atitudes serão quebradas a cada dia em nossos meios de educação.

REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa, volume 2, Brasília, 1997.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português**. 1ªed. São Paulo. Parábola editorial 2011.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua e por acaso**. Nº71. Revista Presença Pedagógica, set/out.2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, como é, como se faz**,49ªed. São Paulo. 2007.

BAGNO, Marcos. **Tarefas da educação linguísticas no Brasil**. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, 200564.

BRASIL, secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5º a 8º series), Língua Portuguesa. Brasília. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Volume único. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF 1998.

DUARTE, Sergio Nogueira. **Língua viva**. Rio de Janeiro. 1998.

GOMES, Maria Lucia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. 2.ed. Curitiba. Editora: Inter saberes, 2015.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 23° ed. Campinas-SP. 1996.